

UMA ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL DAS PARTÍCULAS NEGOCIADORAS EM LÍNGUA JAPONESA: ENGAJAMENTO E AVALIAÇÃO MODAL

A SYSTEMIC-FUNCTIONAL ANALYSIS OF JAPANESE NEGOTIATOR PARTICLES: ENGAGEMENT AND MODAL ASSESSMENT

FREITAS, Gabriel¹
AZEVEDO, Laura²
DAMASCENO, Lucas Alexandre³

Resumo: Consiste no estudo de 2 (duas) Partículas Negociadoras em japonês e seus equivalentes no português brasileiro (PB), bem como o papel funcional nos sistemas de ENGAJAMENTO e AVALIAÇÃO MODAL. A partir da teoria sistêmico-funcional, busca-se contribuir com os estudos tipológicos e dar subsídios aos estudos da tradução. Assim, analisou-se um *corpus* a partir do *reality show* japonês *Terrace House: Boys & Girls in the City* e sua respectiva tradução em PB. Os resultados apontam para construções distintas para a realização de ambos os sistemas em japonês e PB.

Palavras-chave: Descrição Sistêmico-Funcional do Japonês; Partículas Negociadoras; Equivalentes Tradutórios Interpessoais.

Abstract: It describes 2 (two) Negotiator Particles in Japanese and their equivalents in Brazilian Portuguese (BP), as well as their functional role in the ENGAGEMENT and MODAL ASSESSMENT systems. From a systemic-functional description, it seeks to contribute to the typological studies of the two linguistic systems and provide subsidies for translation studies. A corpus from the Japanese reality show *Terrace House: Boys & Girls in the City* and its respective translation in BP was analyzed. Different realizations for both systems in Japanese and BP were found.

Keywords: Systemic-Functional Description of Japanese; Negotiator Particles; Interpersonal Translation Equivalents.

Como citar este artigo?

FREITAS, G.; AZEVEDO, L.; DAMASCENO, L. A. Uma análise sistêmico-funcional das partículas negociadoras em língua japonesa: engajamento e avaliação modal. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. 220-242, 2021.

¹ Graduando do Curso de Tradução, na Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Mariana, Minas Gerais, Brasil. Orientador: Prof. Dr Giacomo Patrocínio Figueredo. Bolsista do PIP-1S-2020/21-DELET. E-mail: gomesgabriel1997@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Tradução, na Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Mariana, Minas Gerais, Brasil. E-mail: laurasazevedo@outlook.com.

³ Graduando do Curso de Tradução, na Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Mariana, Minas Gerais, Brasil. E-mail: lucas.damasceno@aluno.ufop.edu.br.

1 Introdução

Este artigo, resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica (IC) dentro do curso de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto e desenvolvido no Laboratório de Estudos Experimentais da Linguagem - LEXEL, afilia-se aos estudos tradutórios de base sistêmico-funcional (BAKER, 2018), e respalda-se na Linguística de Corpus (BAKER, 1995; BERBER SARDINHA, 2004) e na Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014).

Tem como intuito iniciar uma exploração de 2 (duas) Partículas Negociadoras em japonês (TERUYA, 1998) e seus equivalentes tradutórios (MUNDAY, HATIM, 2004) no português brasileiro (PB), bem como o papel funcional que desempenham relativamente aos sistemas discursivos de ENGAJAMENTO e AVALIAÇÃO MODAL (MARTIN, WHITE 2005; MATTHIESSEN et al., 2010; VIAN JR., 2009), a fim de explorar os equivalentes tradutórios em duas frentes: (i) a partir de um corpus paralelo, identificar equivalentes no PB; (ii) a partir de uma descrição linguística, compreender a sua atuação funcional analisando como a gramática das Partículas Negociadoras realizam significados dos sistemas discursivos interpessoais supracitados, de modo a compreender como os significados realizados no japonês encontram equivalência (MUNDAY; HATIM, 2014) no PB. Para tal, consideramos importante introduzir alguns conceitos essenciais para a realização do trabalho, bem como a estruturação do restante do artigo.

É grande o número de pesquisas que já se debruçaram sobre as Partículas Negociadoras (TERUYA, 2007; LE, 2014) a fim de compreender a natureza e o funcionamento delas. Também descritas na literatura como partículas finais (POST, 2015) ou partículas discursivas (PUCKETT, 2014), já foram exploradas a partir de uma variedade de teorias, assim como com foco em sistemas linguísticos distintos: inglês (HASELOW, 2013), finlandês (KOIVISTO, 2012), russo (cf. POST, 2015) e cantonês (KWOK, 1984) são alguns dos exemplos. Em japonês, o número de trabalhos é ainda mais acentuado, dada a proeminência das Partículas Negociadoras nesse sistema linguístico (KUNO, 1973; SHIBATANI, 1990; OSHIMA, 2011; cf. PUCKETT, 2014).

No que tange a análise do produto tradutório (HOUSE, 1997; HATIM, 2009; MUNDAY, 2012) e, por meio dele, a identificação de equivalentes, o estudo das partículas modais do português brasileiro, de forma paralela ao inglês,

apresentou perspectivas que motivaram esta pesquisa (PAGANO et al., 2015). Para tanto, o presente trabalho tomou como base descrições (cf. TERUYA, 1998, 2006; OCHI, LAM, 2010) que trabalharam sob o prisma da LSF (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), de forma a ser a LSF a orientação teórico-metodológica que norteou a fundamentação e análise dos dados aqui dispostos.

Focando no objeto de estudo da pesquisa, as Partículas Negociadoras em língua japonesa são, em essência, elementos linguísticos obrigatórios na realização de determinados modos na oração japonesa; além disso, realizam opções mais delicadas do sistema de NEGOCIAÇÃO (cf. OCHI; LAM, 2010). No japonês, a atuação das partículas no sistema de NEGOCIAÇÃO acrescenta à oração valores de Negociação de pedido, confirmação, asserção, insistência, entre outros, como também significados interpessoais para indicar a identidade do falante com relação ao seu gênero (cf. TERUYA, 1998; OCHI; LAM, 2010).

Esses marcadores Negociadores são habitualmente observados em interações dialógicas e gêneros de escrita populares (ELLI, 2012), nos quais se busca replicar aspectos do uso cotidiano da língua (EGGINS; SLADE, 1997). Portanto, na coleta do corpus, teve-se em mente a busca por textos que apresentassem ocorrências do uso cotidiano do japonês, no qual há um uso extenso das Partículas Negociadoras.

A motivação reside em questões apontadas por pesquisas anteriores das partículas em japonês (cf. OCHI; LAM, 2010). Nesses trabalhos, as partículas foram descritas como recursos capazes de realizar significados nos sistemas textuais, lógicos e interpessoais. Interpessoalmente, as partículas já foram extensivamente descritas no que tange à sua atuação como Negociadoras (cf. OCHI; LAM, 2010; TERUYA, 2007) em significados relativos aos sistemas de MODO. Além disso, observou-se que elas são também recursos que realizam significados no sistema de AVALIAÇÃO MODAL (MATTHIESSEN, 2004: 545; TERUYA, 2007: 162), porém ainda não descritas a partir dessa perspectiva (cf. OCHI; LAM, 2010). A teoria sistêmico-funcional caracteriza um “marcador discursivo”, como as Partículas Negociadoras em japonês, como avaliativo aquele em que há validação do ouvinte sobre um argumento do falante (HALLIDAY; MCDONALD, 2004; MARTIN; WHITE, 2005).

Assim, esta pesquisa tem como objetivo iniciar uma exploração acerca dos significados realizados pelas partículas em japonês no sistema discursivo de

AVALIAÇÃO MODAL a fim de compreender como esses recursos atuam textualizando a negociação entre os interlocutores falantes de japonês, de forma a iniciar uma melhor compreensão sobre a funcionalidade desses recursos predominantemente interpessoais no desenvolvimento do diálogo (MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO, 1996; ROSE, 2001; FIGUEREDO, 2015).

Além disso, de forma análoga à investigação e descrição das Partículas Negociadoras japonesas no macrossistema de AVALIAÇÃO MODAL, descrições da língua khorchin mongol (ZHANG, 2020) nos ofereceram perspectivas de uma análise das Partículas Negociadoras em japonês através do sistema de ENGAJAMENTO, o que ampliou a motivação deste trabalho, sobretudo destacando a importância de se expandir a compreensão acerca da funcionalidade de marcadores discursivos interpessoais, aqui as Partículas Negociadoras em japonês, no desenvolvimento do texto (cf. MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO, 1996; URBANO, 1999).

Em PB, as Partículas Modais, também chamadas de marcadores discursivos avaliadores (CASTILHO, 1989; RISSO; cf. URBANO, 1999; GÖRSKI et al., 2002; FREITAG, 2008, 2009), realizam significados semelhantes (cf. FIGUEREDO, 2015) e, assim, suscitaram possibilidades contrastivas que também motivaram esta pesquisa. Os marcadores discursivos brasileiros são itens linguísticos de diferentes ordens (em geral, palavras ou grupos) e realizam gramaticalmente operações de textualização, de forma a “amarrar o texto” (cf. URBANO, 1999). Os marcadores discursivos interpessoais, foco desta pesquisa, operam textualizando a interação entre interlocutores, “amarrando o texto” interpessoalmente, convertendo-o em estrutura textual (MARCUSCHI, 1989).

Hipotetizamos então que os significados realizados pelas Partículas Negociadoras em japonês podem relacionar-se ao sistema semiótico do PB de duas maneiras: equivalendo-se às Partículas Modais explicadas acima ou ao sistema fonológico de ENTOAÇÃO do PB (CAGLIARI, 1981), dados os significados semelhantes que são realizados em cada sistema.

São, então, apresentadas questões tipológicas (MARTIN; MATRUGLIO, 2013/2020) e de tradução (ZHANG; MUNDAY, 2018) para o par linguístico japonês/PB, incluindo dois problemas: (i) para a comparação de línguas (HASPELMATH et al., 2001; HALLIDAY, 2002); (ii) para equivalentes

tradutórios (CATFORD, 1965; MATTHIESSEN, 2001), a partir de uma análise descritiva de Partículas Negociadoras em língua japonesa e, nesse estudo, a identificação de equivalentes tradutórios disponíveis (MUNDAY; HATIM, 2004) no PB.

A partir dessa verificação, pretende-se compreender a atuação dessas partículas nos sistemas de ENGAJAMENTO e AVALIAÇÃO MODAL (MUNDAY, 2012; MATTHIESSEN et al., 2010), da metafunção interpessoal (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), oferecendo subsídios aos estudos da tradução, tendo em vista a alta incidência (PUCKETT, 2014) desse tipo de partícula em textos orais (ELLI, 2012). Uma maior compreensão sobre a organização tipológica e de equivalentes tradutórios para as Partículas Negociadoras em japonês pode, portanto, oferecer subsídios para a produção de traduções (cf. PAGANO, 2014).

Por fim, a fim de identificar o papel funcional dos objetos de pesquisa deste trabalho em instâncias de produção espontânea de língua, necessárias para a análise de partículas, e não do uso estilizado que se pode encontrar em outros gêneros populares, como nas animações e nos quadrinhos japoneses (WILLIAMS, 2006), optou-se pela coleta de um corpus proveniente do reality show テラスハウス ボーイズ&ガールズ イン・ザ・シティ(Terrace House: Boys & Girls in the City). O reality encontra-se disponível na plataforma de streaming Netflix.

Após a análise, tendo em mente os 10 principais marcadores de Negociação do japonês (cf. TERUYA, 1998/2006), aqui foram destacadas as duas (2) partículas mais recorrentes encontradas no corpus da pesquisa: *ね* (ne) e *よ* (yo). O objetivo foi verificar como os significados construídos no japonês foram realizados no PB exibido nas legendas dos episódios.

2 Revisão da literatura

De acordo com a teoria na qual esta pesquisa se ampara (cf. HALLIDAY, 2002), de forma geral todas as línguas naturais são organizadas em grupos de sistemas que organizam, simultaneamente, três tipos de significado, também chamados de metafunções (cf. EGGINS, 1994), as principais funções exercidas pela língua. São categorizadas em metafunção textual, ideacional e interpessoal, sendo a última de interesse especial desta pesquisa. É definida como aquela metafunção responsável pelas Partículas Negociadoras nas relações entre falante

e ouvinte (MATTHIESSEN, 1995), de maneira a se relacionar com a proposta levantada por este trabalho: a partir da análise da interação entre falantes e ouvintes, entender como um grupo específico de recursos interpessoais - nesta pesquisa, as Partículas Negociadoras japonesas - interagem com dois sistemas da metafunção interpessoal: ENGAJAMENTO e AVALIAÇÃO MODAL.

2.1 Partículas Negociadoras Japonesas

Em interações dialógicas, o falante de japonês busca sempre que possível emitir posicionamentos definitivos e, com a evolução da língua ao longo do tempo, possui hoje ao seu dispor uma série de recursos linguísticos capazes de atender tal preocupação (KINDAICHI, 1950; MARTIN, 2004). As partículas, aqui sobretudo as Partículas Negociadoras, objeto de estudo desta pesquisa – na tradição japonesa, chamadas de “partículas finais” ou 終助詞 (shū-joshi) (cf. SHIBATANI, 1990) – compõem parte do vasto leque de recursos que foram desenvolvidos no decorrer da evolução da língua japonesa para mitigar certos efeitos retóricos e posicionar os seus falantes sobre um determinado enunciado em uma interação dialógica (cf. MARTIN, 2004).

Em diferentes tipos de descrição linguística, as Partículas foram tradicionalmente interpretadas como palavras que não carregam sentido referencial, ocorrendo geralmente em interações dialógicas e marcando a posição epistêmica e/ou afetiva do falante com relação ao ouvinte, ao conteúdo da conversa, e outros aspectos do contexto (COOK, 1999). Dessa forma, fornecem instruções em relação à forma como a mensagem deve ser interpretada em um dado contexto. Indicam, ainda, as suposições que o falante e o ouvinte compartilham, o aspecto do contexto sobre o qual o ouvinte deveria se atentar e a identidade do falante (cf. COOK, 1999; IDE; YOSHIDA, 1999).

Já do ponto de vista específico da LSF, as partículas em japonês são palavras curtas, geralmente monossilábicas ou dissilábicas, fazendo parte de uma classe de palavras que realizam funções gramaticais de forma segmental (cf. MATTHIESSEN 2004). Em japonês, destaca-se, os marcadores segmentais são amplamente mais usados do que outros meios de expressão, tal como a entoação (cf. OCHI; LAM, 2010).

Além disso, são localizadas ao fim de unidades gramaticais, no nível da oração, e realizam significados nas três metafunções: textual, interpessoal e ideacional (aqui, apenas no sistema lógico) (cf. OCHI, LAM, 2010; cf.

MATTHIESSEN, 2004, p. 545; OKAMOTO, 2006; cf. TERUYA, 2007, p. 144). Neste trabalho daremos foco às partículas responsáveis pela realização de significados na metafunção interpessoal, recursos que oferecem opções de diferenciações delicadas dentro das várias atitudes do falante com respeito ao sentido sendo negociado, de maneira a adicionar à oração valores interpessoais como pedidos por confirmação, asserção, insistência etc (cf. TERUYA, 2004).

Interpessoalmente, portanto, Partículas Negociadoras como か (ka) e ね (ne) são posicionadas após a função interpessoal de Predicador para realizar a função interpessoal de Negociador, oferecendo opções mais delicadas nos sistemas de MODO em certos casos, servindo também como uma função oracional obrigatória (cf. TERUYA, 2004): か (ka) para interrogativas e na (な) para proibição, por exemplo. Elas também realizam opções no sistema de AVALIAÇÃO MODAL (cf. MATTHIESSEN, 2004: 545; cf. TERUYA, 2007: 162).

Exemplo 1 – Partícula か (ka)

二人目 futarime	です desu	か。 ka.
Segunda	-HRF	KA
Sujeito	Predicador: honorífico	Negociadora

“Sou a segunda?”

Como Negociadoras, as partículas não apenas se relacionam ao tipo de Modo de uma oração. Elas também se relacionam com o tipo de modalidade - falada ou escrita (cf. OCHI; LAM, 2010). Por exemplo, as Negociadoras か (ka) e の (no) ocorrem tanto na modalidade escrita quanto falada, enquanto as Negociadoras ね (ne) e よ (yo) são mais restritas, aparecendo apenas na modalidade falada. Aquelas usadas na modalidade falada indicam a escolha do falante em expressar a sua identidade em termos de gênero, わ (wa) e ぞ (zo)⁴ (MARTIN, 2004), papel social e institucional (cf. OCHI; LAM, 2010), como referido anteriormente. Os marcadores Negociadores, portanto, indicam o movimento interativo feito pelo falante.

Exemplo 2 – Partícula わ (wa)

⁴ Esta pesquisa baseia-se no que é tradicionalmente chamado “japonês padrão” 標準語 (hyōjungo). Portanto, é importante esclarecer que a distribuição e os significados realizados pelas partículas variam regionalmente (KINDAICHI, 2011)

ここ koko	かわいい kawaii	わ。 wa.
Aqui	Fofo	WA
Adjunto	Predicador	Negociadora

“Fofo.”

2.2 A metafunção interpessoal: ENGAJAMENTO e AVALIAÇÃO MODAL

Todo enunciado demonstra, de alguma forma, o posicionamento do falante e a forma como este se sente (cf. MARTIN; WHITE, 2005), indicando, assim, o seu ponto de vista em relação ao que está sendo falado a todo tempo (STUBBS, 1996). Através de recursos linguísticos, estamos, portanto, a todo tempo aprovando ou desaprovando, exaltando ou criticando, colocando-nos a favor ou contra significados que negociamos em um diálogo (cf. MARTIN; WHITE, 2005). Assim sendo, além de nos posicionarmos, buscamos condicionar nossos interlocutores a compartilharem e assumirem as nossas posições. Resumindo, assumimos posições subjetivas em todos os textos que participamos, tanto quanto sobre o que dialogamos como com relação a quem dialogamos (cf. MARTIN; WHITE, 2005).

É com interesse na compreensão desses fenômenos que, na LSF, estuda-se o sistema discursivo de AVALIATIVIDADE (VIAN JR., 2009). No estrato semântico-discursivo, ele co-articula significados interpessoais com outros dois sistemas interpessoais: NEGOCIAÇÃO (MARTIN 1992) e ENVOLVIMENTO (cf. MARTIN; WHITE, 2005; cf. VIAN JR., 2009). Esta pesquisa terá o sistema de AVALIATIVIDADE e seus subsistemas, sobretudo o de ENGAJAMENTO, como objetos de estudo.

O sistema discursivo de AVALIATIVIDADE abarca três principais subsistemas: ATITUDE, GRADAÇÃO e ENGAJAMENTO. De forma resumida, ATITUDE é o sistema que oferece escolhas, em grande parte lexicais, para expressarmos os nossos sentimentos, julgamentos e avaliações. Já o de GRADAÇÃO diz respeito à maneira como amplificamos ou atenuamos os nossos posicionamentos subjetivos. Por fim, o sistema de ENGAJAMENTO lida com os recursos através dos quais referimos fontes para nossos posicionamentos e interagimos com os diferentes pontos de vista em um

determinado diálogo (cf. MARTIN; WHITE, 2005). Como dito anteriormente, o último será o objeto de estudo deste trabalho.

O sistema de ENGAJAMENTO é realizado por uma série de recursos linguísticos, entre os quais podemos citar projeção, modalidade, polaridade e adjuntos de comentário para posicionar os interlocutores com relação aos significados negociados que defendem e com relação às possíveis respostas que podem assumir, de forma a citar ou relatar, reconhecendo, negando, contestando e afirmando uma possibilidade (cf. MARTIN; WHITE, 2005).

É a partir da análise dos recursos do sistema de ENGAJAMENTO que se busca compreender o grau em que o falante reconhece e interage com outras posições alternativas em um dado contexto comunicativo. Em outras palavras, ao analisarmos esse sistema, buscamos entender como os interlocutores “engajam” com outras vozes e os efeitos retóricos que surgem a partir das escolhas que são feitas no decorrer de um diálogo.

O sistema de ENGAJAMENTO realiza ainda quatro tipos principais de significados: proclamação (proclaim), atribuição (attribution), renúncia (disclaim) e consideração (entertain) (cf. MARTIN; WHITE, 2005). Esta pesquisa se debruça sobre o último.

Os significados de consideração alicerçam a proposição (cf. HALLIDAY, 2014) em sua própria subjetividade, sinalizando o seu posicionamento como apenas um de uma gama de escolhas possíveis, “entretendo ou invocando alternativas dialógicas”, aqui hipotetizados como significados realizados pela partícula ね (ne) (cf. MARTIN; WHITE, 2005).

Exemplo 3 – Partícula ね (ne)

じゃあ、 ja,	わたし watashi	ここ koko	ね。 ne.
Então	Eu	Aqui	NE
Adjunto	Sujeito	Adjunto	Negociadora

“Certo, vou ficar aqui.”

Assim sendo, esta pesquisa busca descobrir como a partícula japonesa ね (ne) realiza opções do sistema de ENGAJAMENTO e como elas são reconstruídas (cf. MATTHIESSEN, 2004) no PB, de forma a analisar como cada língua “engaja” em um fenômeno negociando-o e construindo “solidariedade” dentro de um texto (cf. MARTIN; WHITE, 2005).

A abordagem sistêmica ao sistema de AVALIATIVIDADE e, conseqüentemente, de ENGAJAMENTO (cf. MARTIN; WHITE, 2005) parte do pressuposto, como dito anteriormente, que todo enunciado de alguma forma demonstra a posição ou atitude do enunciador. Lançamos mão assim dos conceitos de dialogismo e heteroglossia (BAKHTIN, 1981; VOLOSHINOV, 1995), que entendem que toda comunicação verbal é “dialógica” no sentido de que, sempre que falamos ou escrevemos, revelamos ou assumimos influências do que já foi dito anteriormente, além de nos anteciparmos a possíveis respostas.

Para além disso, os recursos heteroglóssicos podem ser divididos em duas categorias gerais, baseadas em suas funcionalidades subjetivas: dialogicamente expansivos e contrativos (expansion and contraction). A distinção baseia-se na orientação dos recursos, podendo eles reconhecer a existência de posições dialogicamente alternativas (expansivos), através do emprego da partícula *ね* (ne), ou restringir o escopo de tais posições (contrativos), pela partícula *よ* (yo).

Exemplo 4 – Partícula *ね* (ne) expansiva

すごい *ね。*
 Sugoi ne.

Incrível	NE
Predicador	Negociadora

“Uau!”

Exemplo 5 – Partícula *よ* (yo) contrativa

すごい *よ。*
 sugoi yo.

Incrível	YO
Predicador	Negociadora

“Incrível!”

Finalmente, o sistema de AVALIAÇÃO MODAL, que abarca uma série de outros sistemas interpessoais, é o responsável pela realização de significados ideacionais e interpessoais negociados em uma interação. Por meio dele, o falante avalia ou exige a avaliação do ouvinte. Interpessoalmente, esse sistema abrange uma ampla gama de avaliações interpessoais (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010).

Dessa forma, as partículas japonesas também realizam um conjunto de recursos da relação entre interlocutores e as proposições ou propostas através do sistema de AVALIAÇÃO MODAL. Assumindo a função de Negociadoras,

realizam significados de confirmação, asserção, insistência etc (cf. FIGUEREDO 2015; cf. TERUYA, 2004).

Os recursos da AVALIAÇÃO MODAL são subdivididos com base na direção da avaliação que é feita (cf. MATTHIESSEN, 1995). No “domínio da avaliação”, o falante avalia a própria proposição ou proposta (probabilidade, hábito, obrigação etc.). Na ”orientação da avaliação”, o falante expressa sua posição diante do argumento ou demanda do ouvinte sua posição sobre este, contando com ambas as partículas *ね* (ne) e *よ* (yo), embora realizando significados diferentes.

Exemplo 6 – Partícula *ね* (ne) de anuência

これ kore	いい ii	ね。 ne.
Isso	Bom	NE
Sujeito	Predicador	Negociadora

“Incrível!”

Exemplo 7 – Partícula *よ* (yo) de insistência

上 ue	行きたい ikitai	よ。 yo.
em cima	querer ir	YO
Complemento	Predicador	Negociadora

“Quero ficar em cima.”

Isto posto, esta pesquisa pretende demonstrar como estas Partículas Negociadoras japonesas realizam significados dentro desses sistemas.

2.3 Equivalência

Tendo em vista que a pesquisa busca subsídios na abordagem sistêmica da tradução (PAGANO; VASCONCELLOS, 2005) e toma o conceito de equivalência como central para atingir os seus objetivos, consideramos importante esclarecer a forma como o fenômeno tradutório será aqui analisado a partir da concepção de equivalência.

Com muitas concepções tomadas em torno do que significa e determina uma relação de equivalência entre um Texto Fonte (doravante, TF) e um Texto Traduzido (doravante, TT) (cf. CATFORD, 1965; cf. BAKER, 2018; NIDA,

1964), é ela a noção que atuou e ainda atua como uma ideia determinante no processo tradutório, tanto no treinamento quanto na prática (cf. HALLIDAY, 2001).

Embora controversa entre teóricos, sobretudo por aqueles de concepções não linguísticas do fenômeno tradutório (BASSNETT, 2013), neste trabalho a noção de equivalência é, reforçamos, considerada relevante e necessária. O motivo por essa escolha apoia-se no entendimento de que é preciso, teórica e metodologicamente, que os fenômenos aqui analisados sejam, de alguma forma, comparáveis e, portanto, de uma forma ou de outra, equivalentes (cf. MATTHIESSEN, 2001).

“Equivalência” será aqui interpretada, sobretudo, como um fenômeno empírico (cf. CATFORD, 1965) compreendido e analisado por meio da comparação entre um TF e um TT. Também nos equiparemos do conceito de equivalência textual em detrimento do de correspondência formal, tendo em vista a vasta diferença tipológica entre o par linguístico em torno do qual este trabalho gira. Equivalência textual aqui é entendida como qualquer TT que é observado desempenhar uma função comparável ao seu TF. A partir disso, busca-se compreender como os significados realizados no japonês foram traduzidos em português brasileiro, permitindo entender as equivalências entre esses dois sistemas linguísticos.

Ainda no que tange a LSF, equivalência é associada com a ideia de que nenhum texto acontece em um vácuo. Sendo assim, a língua não é usada de forma isolada e alheia ao seu contexto e cotexto, o que implica, portanto, que o contexto de situação, ou registro, juntamente com suas variáveis, é essencial na tradução (cf. MUNDAY, 2001). É, portanto, partindo do pressuposto de que cada sistema linguístico é em última análise *suis generis* (cf. CATFORD, 1965), que se apresenta uma abordagem que observa a tradução como uma fonte de novos significados: os construídos no sistema linguísticos do TF são (re)construídos no TT (cf. MATTHIESSEN, 2001).

Assim sendo, este trabalho objetiva compreender o funcionamento dos sistemas discursivos de ENGAJAMENTO e AVALIAÇÃO dos idiomas aqui estudados e, a partir da observação do produto tradutório, interpretar as relações de equivalência tradutória entre o TF e o TT do corpus. Além disso, depreender características nas quais seleções dos sistemas discursivos do português brasileiro e do japonês, dentro dos seus respectivos REGISTROS, realizam

SIGNIFICADOS que analogamente funcionam em seus respectivos CONTEXTOS DE SITUAÇÃO e de CULTURA (cf. MATTHIESSEN, 2001; cf. HALLIDAY, 2014; SILVA, 2016).

Este artigo faz uso, assim, da perspectiva Sistêmico-Funcional e apresenta uma análise descritiva dos sistemas discursivos envolvidos nos fenômenos aqui analisados. Comparando a maneira como os sistemas do japonês e do português brasileiro se comportam em uma relação de tradução e contextualizando-os ao contexto de cultura e de situação (cf. EGGINS, 1994) presentes no corpus, são estudadas as relações de equivalências (cf. CATFORD, 1965; cf. MATTHIESSEN, 2001) entre TF e TT. Portanto, as equivalências encontradas na análise assumem o papel de ferramentas, permitindo que os fenômenos estudados sejam comparados de maneira teórico-metodologicamente coerente (cf. FIGUEREDO, 2015).

3. Metodologia

Para a realização desta pesquisa, foi compilado inicialmente um corpus a partir de três episódios do reality show *Terrace House: Boys & Girls in the City*: episódios 1, 2 e 45. A escolha pautou-se pelo fato de o programa oferecer a exposição a textos orais nos quais ocorre o uso extensivo das Partículas Negociadoras japonesas.

A compilação do corpus foi facilitada através do uso da extensão de navegador Subadub (SIMMONS, 2019), ferramenta que oferece a possibilidade de extrair de uma única vez todo o texto oral presente no episódio e, assim, evitando uma transcrição manual por parte do pesquisador, de maneira a agilizar o processo de compilação. O corpus é constituído, no total, de 25.644 tokens: no episódio 1, 8925; no episódio 2, 8466; no episódio 45, 8253. A figura 1 ilustra o software Subadub em ação e o gráfico 1 a distribuição dos tokens por episódio.

Figura 1 – *Software Subadub* em uso

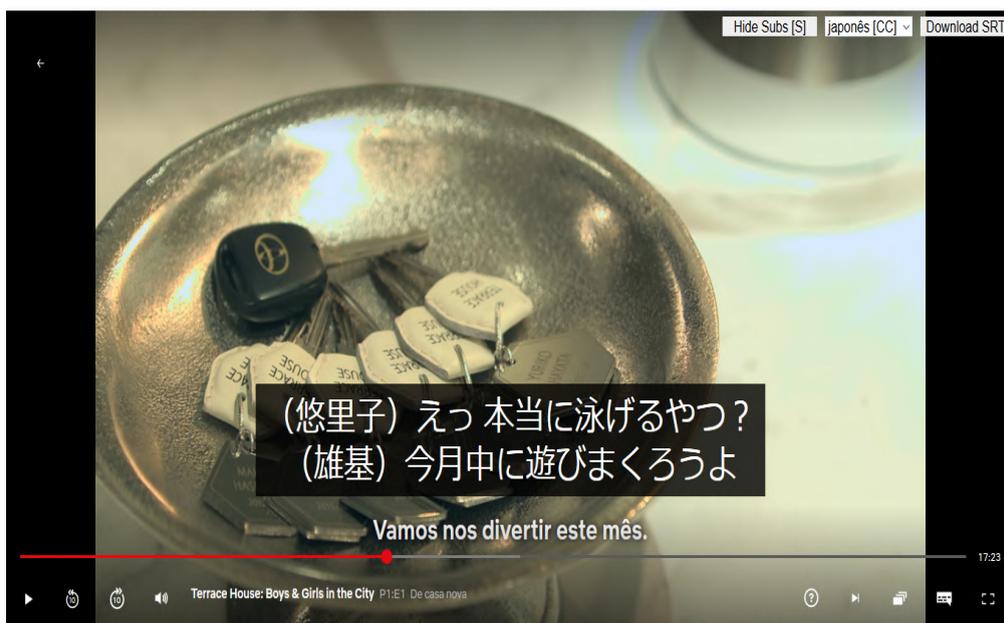
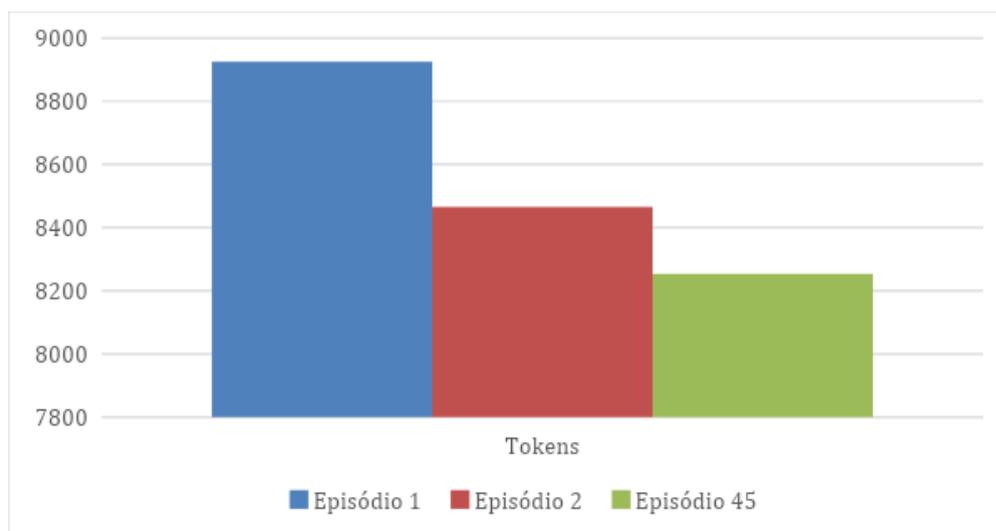


Tabela 1 – Distribuição de *tokens* por episódio



Em seguida, tendo os textos dos episódios convertidos em arquivos no formato .txt, foi realizada a compilação e o alinhamento das duas línguas no nível da sentença, utilizando o software Antconc (ver Figura 3) (ANTHONY, 2011). Foi levantada, então, a quantidade total de partículas encontradas em cada um dos três episódios trabalhados. Esse levantamento foi realizado através da opção Concordance do software Antconc. O processo pode ser melhor visualizado na figura 2.

Figura 2 – Processo de busca pelas partículas

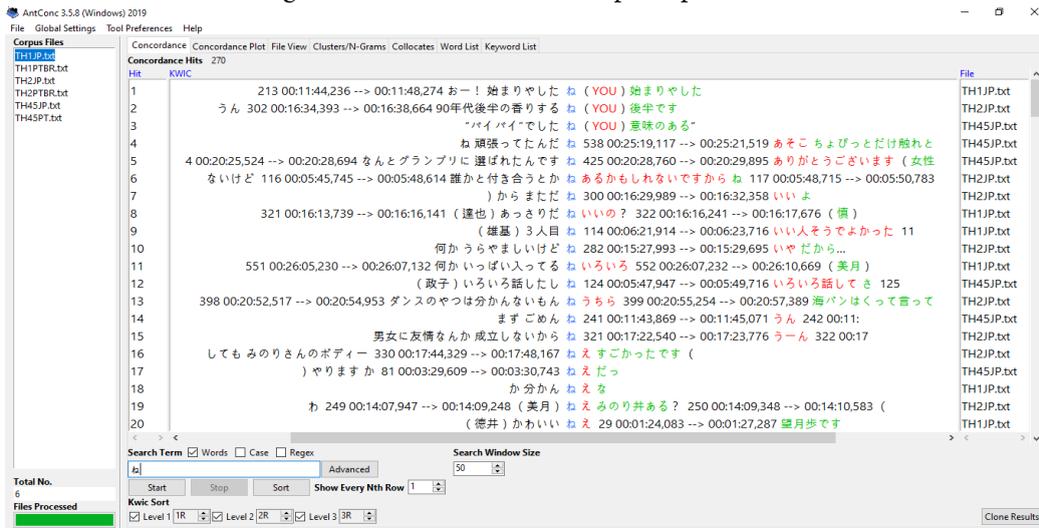
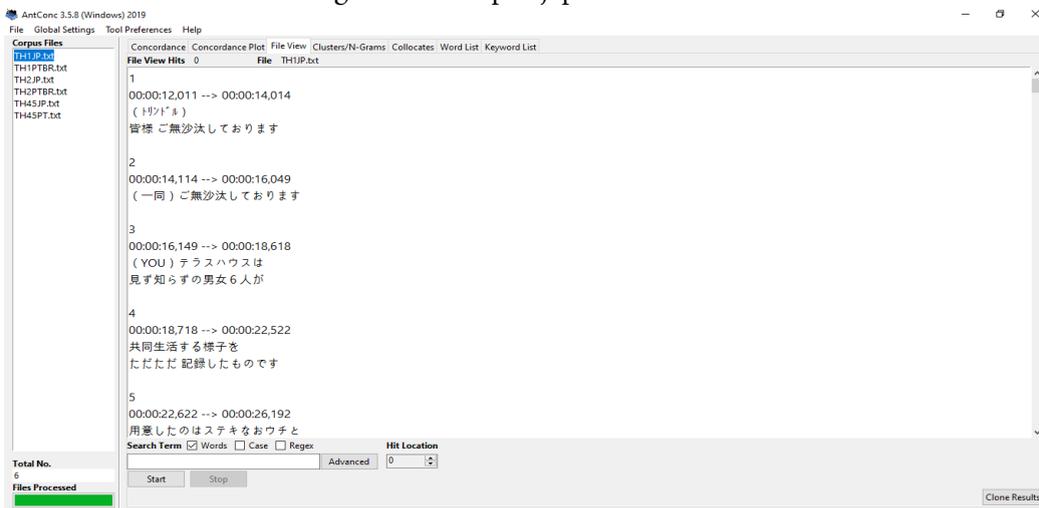


Figura 3 – Corpus japonês alinhado



Por fim, tendo em mãos as Partículas Negociadoras japonesas e suas traduções, passou-se à análise propriamente dita. Para isso, foram estabelecidos alguns parâmetros, apresentados a seguir. Primeiramente, foi feita a análise quantitativa com a busca pelas Partículas Negociadoras japonesas mais ocorrentes no corpus, através da opção File View, tendo como ponto de partida as 10 (dez) partículas mais ocorrentes no idioma japonês (cf. TERUYA, 1998; 2007). Esses itens foram então analisados de forma paralela às suas traduções disponibilizadas nas legendas da plataforma *Netflix*, a fim de identificar os equivalentes tradutórios presentes.

Qualitativamente, a análise teve como base os sistemas de ENGAJAMENTO e AVALIAÇÃO MODAL descritos anteriormente. Foram então anotadas e analisadas as orações que contavam com as 2 (duas) partículas

mais frequentemente encontradas no corpus, a saber, ね (ne) e よ (yo). Para esta etapa de anotação semiautomática, mais uma vez utilizamos o software Antconc (ANTHONY, 2011).

Quanto às traduções das Partículas Negociadoras para o PB, cada ocorrência foi analisada manualmente, a fim de observar como foi realizada a tradução das Partículas. Aqui, a análise foi feita levando-se em conta os mesmos sistemas discursivos supracitados.

Tabela 2 – Partículas Negociadoras e suas Funções

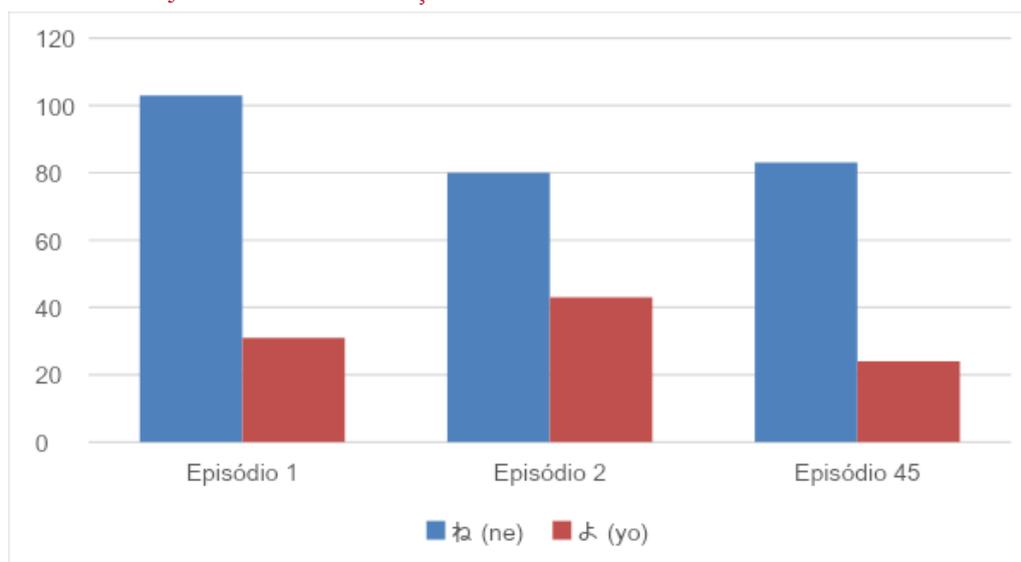
Função	Negociadora
CONFIRMAÇÃO/ANUÊNCIA	ね(ne)
CONFIRMAÇÃO	な(na)
ASSERÇÃO/ÊNFASE	よ(yo), さ(sa)
INSISTÊNCIA: MÉDIA	わ(wa)
INSISTÊNCIA	さ(sa)
INSISTÊNCIA: FORTE	ぜ(ze)
EMPATIA	の(no)
INTERROGATIVA	か(ka)
INTERROGATIVA	の(no)
PROJEÇÃO	と(to)
NEGAÇÃO	な(na)

Fonte: Traduzida e adaptada de Teruya (1998, p. 77)

4 Análise dos dados e resultados

A quantidade total das partículas mais recorrentes nos episódios selecionados pode ser visualizada na tabela 3:

Tabela 3: Levantamento das partículas ね (ne) e よ (yo)



Como já mencionamos, o número elevado do uso de Partículas Negociadoras aqui se dá devido ao fato de que, no japonês, as partículas ultrapassam por uma margem considerável outros recursos suprasegmentais (cf. COOK, 1999), como de entonação e tom, vastamente utilizados no inglês e no mandarim, por exemplo.

Estabelecidos os números, pode-se apontar em direção a um cenário no qual o uso das partículas é inerente às interações cotidianas que ocorrem em idioma japonês e, sem elas, a troca de significados pode ser prejudicada. Esperava-se, portanto, analisar a tradução e encontrar os equivalentes tradutórios desses recursos, de maneira que, a partir deles, seria possível compreender a sua atuação funcional em PB.

A análise da tradução brasileira, contudo, demonstrou uma ausência de qualquer padrão através do qual fosse possível extrair uma conclusão no que diz respeito a equivalentes tradutórios, tendo em vista o baixo uso de recursos passíveis de serem interpretados como equivalentes das Partículas Negociadoras japonesas. Os exemplos 8, 9, 10 e 11 ilustram isso:

Exemplo 8 – Partícula ね (ne)

いい ブルー だ ね。
 ii buruu da

Bom	Azul	Ser	NE
Adjunto	Completo	Predicador	Negociadora

“Ótimo azul.”

Exemplo 9 – Partícula よ (yo)

言い方 の 問題 です よ。
iikata no mondai desu yo.

Forma de Falar	NO	Problem a	-HRF	YO
Complemento	Complemento	Complemento	Predicador: Honorífico	Negociador: ora

“É a forma como você diz.”

Exemplo 10 – Partícula も (mo)

野球 も 好き です よ。
yakyuu mo suki desu yo.

Beisebol	Também	Gostar	-HRF	YO
Complemento	Complemento	Predicador: Honorífico	Predicador: Honorífico	Negociador: ora

“Também gosto de beisebol.”

Exemplo 11 – Partícula ね (ne)

なるほど ね。
Entender ne.

Entender	NE
Predicador	Negociadora

“Entendi.”

O que então se observou foi a manutenção do significado referencial da oração, de forma a impedir conclusões por ora sobre os objetivos estabelecidos.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou identificar os equivalentes tradutórios das Partículas Negociadoras do japonês em traduções para o Português Brasileiro, utilizando três episódios (1, 2 e 45) do *reality show* japonês *Terrace House: Boys & Girls in the City* para coleta do *corpus*. Durante o processo de coleta, a pesquisa identificou as Partículas mais frequentes, ね (ne) e よ (yo), e debruçou-se sobre elas. Abaixo, a Tabela 4 exemplifica os dados coletados e os coteja em números absolutos e percentuais com a quantidade de interações dialógicas por episódio. Esse número elevado ilustra a proeminência e importância das Partículas Japonesas Negociadoras no idioma japonês na construção de significado,

observadas no fato de que apenas duas partículas, nos 3 episódios analisados, apresentaram, quando somadas, uma média de presença em 20% das interações.

Tabela 4 – Números absolutos e percentuais das Partículas Negociadoras ね (ne) e よ (yo) por episódio e número de interações dialógicas.

Episódio	Interações	ね (ne)	よ (yo)
1	632	103 (16%)	31 (5%)
2	614	80 (12%)	43 (7%)
45	528	83 (16%)	24 (4%)

Contudo, quando posta sob análise a tradução brasileira, observou-se uma ausência praticamente por completo no emprego de qualquer equivalente tradutório das partículas, de forma a optar-se somente pela manutenção do sentido referencial da oração. Pode-se pensar em hipóteses para a ausência de equivalentes tradutórios na tradução brasileira. Por exemplo, os limites impostos pela prática de legendagem (GAMBIER, 2008), sobretudo no que diz respeito ao número limitado de caracteres que podem ser inseridos e o tempo de leitura oferecido ao leitor. Dessa forma, tendo em mente a característica das partículas, mencionada anteriormente, desprovidas de significado referencial, e os limites impostos pela prática de legendagem, hipotetizamos que a inserção de equivalentes tradutórios foi dificultada. Além disso, devemos também levar em conta a semelhança dos significados realizados pelas Partículas Negociadoras japonesas e outros recursos suprasegmentais mais utilizados em diferentes idiomas (cf. COOK, 1999). Portanto, abre-se a possibilidade para equivalentes tradutórios alcançáveis por meio de diferentes recursos suprasegmentais e, através de legendas, esse movimento é dificultado. Salienta-se que esse ponto ainda demanda uma maior investigação.

Dito isto, pretende-se dar continuidade ao processo de pesquisa do tema, de maneira a buscar oferecer contribuições aos profissionais da área da tradução que, dispostos desses equivalentes tradutórios, poderiam aprimorar as suas traduções. Com o corpus analisado no presente trabalho, beneficiaram-se de forma majoritária aqueles profissionais que trabalham com a linguagem audiovisual e com a modalidade oral, tendo em vista a proeminência das Partículas Negociadoras japonesas em textos dessa natureza. Admitindo a existência de padrões tradutórios entre as Partículas Negociadoras japonesas e o sistema linguístico do PB, o tradutor que trabalha com o idioma japonês terá

acesso a um grupo de recursos que permitirá lidar com um obstáculo, como ilustram os números, inevitável.

Referências bibliográficas

BAKER, Mona. *Corpora in Translation Studies. An Overview and Suggestions for Future Research*. Target, 7(2), 1995.

_____. *In other words: a coursebook on translation*. London/New York: Routledge, 2018.

BAKHTIN, M. M. *The Dialogic Imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981.

BASSNETT, S. *Translation Studies*. London and New York: Routledge, 2013.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus: histórico e problemática*. D.E.L.T.A., 16 (2), 323-367, 2000b.

CATFORD, J. *A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*. London: Oxford Univ., 1965. 103p.

CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Eds.). *Language typology: a functional perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

CASTILHO, A. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: _____. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 249-279.

COOK, Haruko M. The sentence-final particle *ne* as a tool for cooperation in Japanese conversation. In: H. Hoji (ed.), *Japanese/Korean Linguistics. Stanford: The Stanford Linguistic Association, 24-44, 1999*.

ELLI, V. On the Functions of Sentence-final Particles (“na”, “ne”, “yo” and “zo”) in the Japanese language and their Tagalog counterparts. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/25989833/On_the_Functions_of_Sentence-final_Particles_na_ne_yo_and_zo_in_the_Japanese_language_and_their_Tagalog_counterparts. Acesso em: 26 de novembro de 2019.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. 2. ed. New York: Continuum, 2004. 360 p. ISBN 0826457878.

EGGINS, S.; SLADE, D. *Analysing casual conversation*. London: Cassell, 1997

FIGUEREDO, G. *Uma descrição sistêmico-funcional dos marcadores discursivos avaliativos em PB: a gramática das partículas modais*. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v. 59, n. 1, 2015.

FREITAG, R. M. K. *Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados*. ReVEL, v.7, n.13, p.1-2, 2009.

GAMBIER, Yves. Recent developments and challenges in audiovisual translation research. In: Chiaro, Delia; Heiss, Christine; Bucaria, Chiara (eds.). *Between text and image: updating research in screen translation*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, 11-33.

GORSKI, E. et al. Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes. In: *SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO*. Anais... São Paulo, 2002. v.31

HALLIDAY, M.A.K. Towards a theory of good translation. In: STEINER, Erich; YALLOP, Colin. *Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Context*. 1. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001. p. 13-18. ISBN 9783110167924.

_____. *On grammar*. London: Continuum, 2002 (The collected works of M. A. K. Halliday, v. 1).

HALLIDAY, M. A. K.; McDONALD, E. Metafuncional profile of the grammar of Chinese. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. (Eds.) *Language typology: a functional perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. rev. Oxon: Routledge, 2014. 790 p. ISBN 9781444146608.

HASELOW, Alexander. *Final particles in spoken discourse*. Folia Linguística 47 (2), pp. 375-424, 2014.

HASPELMATH, M *et al.* *Language Typology and Language Universals*. 2 vols. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001.

HOUSE, Juliane (a). *Translation Quality Assessment: a model revisited*. Tübingen: Narr, 1997.

IDE, S.; YOSHIDA; M. Sociolinguistics: Honorifics and gender differences. In: *The handbook of Japanese linguistics*, ed. Natsuko Tsujimura, 444-480. Malden: Blackwell Pub, 1999.

KINDAICHI, H. *Kokugo-doshi no ichi-bunrui*. Gengo-Kenkyu 15.48-63, 1950.

_____. *Japanese Language: Learn the Fascinating History and Evolution of the Language Along With Many Useful Japanese Grammar Points*. Tuttle Publishing. 2011, ISBN 9781462902668.

KOIVISTO, Aino. *Discourse patterns for turn-final conjunctions*. Journal of Pragmatics 44 (10). 1254-1272, 2012.

KWOK, H. *Sentence Particles in Cantonese*. Hong Kong: Centre of Asian Studies, University of Hong Kong, 1984.

LAM, M.; OCHI, A. Proceedings of JASFL. vol.4. p. 41-58, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/380338/A_Systemic_Functional_Study_of_Particles_in_Japanese_and_Cantonese_an_Initial_Exploration. Acesso em: 20 nov. 2019.

LAM, M. et al. *Key Terms In Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2010.

LAM, M.; FIGUEREDO, G.; ESPÍNDOLA, E. An SFL Contrastive Analysis of Interpersonal Particles in Cantonese and Portuguese. In: *36th International Systemic Functional Congress*, 2010, Pequim. Challenges to Systemic Functional Linguistics: Theory and Practice. Pequim: Tsinghua Printing House, 2010.

LE, Giang Ha. *Vietnamese sentence final particles*. Trabalho de conclusão de curso (dissertação de mestrado). Los Angeles: University of Southern California. Libraries, 2014.

MARCUSCHI, L. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. *Português Culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-318.

MARTELOTTA, M.; VOTRE, S., CEZÁRIO, M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTIN, S.E. *A Reference Grammar of Japanese*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2004.

MARTIN, J. R. *English Text: System and structure*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MARTIN, J.; WHITE, P. *The Language of Evaluation: appraisal in English*. London: Palgrave, 2005

MARTIN, J. R.; MATRUGLIO, E. 2013. *Revisiting mode: context in/ dependency in Ancient History classroom discourse*. Huang Guowen, Zhang Delu & Yang Xinzhang (Eds.) *Studies in Functional Linguistics and Discourse Analysis V*. Beijing: Higher Education Press, 2013.

MATTHIESSEN, C. *Lexicogrammatical cartography: English systems*. Tokyo: International Language Science Publishers, 1995.

_____. The environments of translation. In: STEINER, Erich; YALLOP, Colin. *Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Context*. 1. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001. p. 41-126. ISBN 9783110167924.

MATTHIESSEN, C.; TERUYA, K.; LAM, M. *Key terms in systemic functional linguistics*. London and New York: Continuum, 2010.

MUNDAY, Jeremy. *Evaluation in translation: critical points of translator decision-making*. London & New York: Routledge, 2012.

_____. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. 4. ed. Oxon/New York: Routledge, 2016. 396 p. ISBN 9781138912557.

MUNDAY, Jeremy; ZHANG, Meifang. *Discourse Analysis in Translation Studies*. 1. ed. [S. l.]: John Benjamins Publishing Company, 2017. 151 p. ISBN 9789027264916.

NIDA, E. A. *Toward a Science of Translating*, Leiden: E. J. Brill, 1964.

OKAMOTO, S. Variability in Japanese (Discourse). In: B. Keith (ed.), *Encyclopedia of Language & Linguistics* (pp. 319-326). Oxford: Elsevier, 2006.

OSHIMA, D. Y. The Japanese Particle *yo* in Declaratives: Relevance, Priority, and Blaming. In: Okumura M., Bekki D., Satoh K. (eds) *New Frontiers in Artificial Intelligence*. JSAI-isAI 2011. Lecture Notes in Computer Science, vol 7258. Springer, Berlin, Heidelberg. https://doi.org/10.1007/978-3-642-32090-3_5.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Explorando interfaces: Estudos da tradução, linguística sistêmico-funcional e linguística de corpus. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. *Competência em tradução: Cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. p. 177-207.

POST, M. The Northern Russian utterance-final particle *dak* as an information structuring device. In: Hancil *et al.* *Final Particles*. Berlin: Trends in Linguistics. Studies and Monographs, 2015.

PUCKETT, C. E. *JAPANESE DISCOURSE PARTICLES IN USE*, 2014, 120f. Trabalho de conclusão de curso (tese) - Graduate School of the University of Oregon, 2014.

ROSE, D. *The Western Desert Code: an Australian cryptogrammar*. Canberra, The Australian National University: Pacific Linguistics, 2001.

SHIBATANI, M. *The Languages of Japan*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1990.

SILVA, T. S. *Nos caminhos da natureza: análise de gêneros na perspectiva sistêmico-funcional em livros didáticos de ciências naturais*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

STUBBS, M. *Towards a modal grammar of English: a matter of prolonged fieldwork*, in M. Stubbs, *Text and Corpus Analysis*, Oxford: Blackwell, 1966.

TERUYA, K. *An exploration into the world of experience: a systemic-functional interpretation of the grammar of Japanese*, 1998, 566f. Trabalho de conclusão de curso (tese de doutorado) - School of English, Linguistics and Media Macquarie University, 1998.

_____. *A Systemic Functional Grammar of Japanese*. Londres: Continuum, 2007.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. *Gramática do português falado*. v.7. Campinas: Ed. da UNICAMP: FAPESP, 1999. p. 195-258.

VIAN JR, O. 2009. *O sistema de avaliatividade e os recursos para graduação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação*. Revista D.E.L.T.A., v. 25, n. 1, pp. 99-129. 2009.

VOLOSHINOV, V. N. 1995. *Marxism and the Philosophy of Language, Bakhtinian Thought – an Introductory Reader*. S. Dentith, L. Matejka & I. R. Titunik (trans.), London: Routledge, 1995.

WILLIAMS, K. L. *The impact of popular culture fandom on perceptions of Japanese language and culture learning: the case of student anime fans*, 2006.

ZHANG, Meifang; MUNDAY, Jeremy. *Innovation in discourse analytic approaches to translation studies*. Perspectives: Studies in Translation Theory and Practice. 26.2 (2018): 159-165. Portal tandfonline. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0907676X.2018.1403740>. Acesso em: 26 de março de 2021.

ZHANG, Dongbing. *Dialogic positioning in Khorchin Mongolian: The temporal and spatial dimensions of propositional engagement in conversations*. Lingua, Volume 244, 2020.